

IP

Instituto
de Psicanálise
da Bahia

LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011

BA

Editorial

Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB).

O Instituto e a Escola são estruturas diferentes, têm procedimentos e metas diferentes. No entanto, formam um laço singular. A Escola se ocupa centralmente do aprofundamento da psicanálise e da formação dos analistas. Desenvolve-se no contexto do discurso do analista. É o que Lacan, na Proposição, chama psicanálise em intensão. Nesse laço que formam Escola e Instituto, Lacan localiza a Escola dizendo que é "no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como *hiância* da psicanálise em intensão." (Lacan, 1967/2003, p. 261)¹. Seguimos a definição de F. Leguil sobre a extensão: a extensão é a extensão da intenção. No campo da extensão, localiza-se o Instituto. A Escola passa da intenção à extensão e o Instituto no sentido inverso. Recentemente, criou-se o CPCT, que se inclui como um novo braço de extensão da Escola focado no trabalho clínico. Também se articula necessariamente com o Instituto.

Na Proposição, Lacan define a extensão como a ação da Escola que faz presente a Psicanálise no mundo. A Psicanálise em intensão se ocupa de preparar os analistas.

O Instituto se estrutura como para-universitário. Se bem que seu eixo se centre no discurso do analista, aceita e se interessa pelo modo de estudo e de investigação de inspiração universitária e algumas das formas de seu discurso. Existem interesses atuais que exigem certos títulos universitários. Aproveitamos esta oportunidade para, aceitando algumas normas, podermos oferecer esses cursos, ainda que seja essencial manter como centro de gravidade a psicanálise em sua profunda radicalidade, não minmética ou puramente formal, mas sempre incluindo o real. Sempre presente: o real

¹ LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 248-264. (Original publicado em 1967).

no jogo na experiência analítica, e isso, acontece somente se conseguirmos nos manter no campo da Orientação Lacaniana do Campo Freudiano.

Nesta edição publicamos o texto *Para além das duas notas sobre a criança* de Analícea Calmon; o trabalho de Ana Estela Sande intitulado *Do mel ao fel, uma mulher entre o feminino e a loucura*; e as anotações de Priscylla Guedes sobre a Conferência *O mal-entendido entre os sexos* de Leda Guimarães.

Nas Janelas do Lapsus, trazemos o “Aconteceu no Instituto...” com anotações sobre algumas atividades desenvolvidas no IPB: a Conferência de Maria Josefina Sota Fuentes, no lançamento do seu livro *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*, e a Conferência de Ana Lydia Santiago, *Fobia e Síndrome do Pânico*. Na Janela Informativa as atividades previstas no IPB e EBP para 2012 e finalizando esta edição, a poesia de Manoel de Barros *Retrato do artista quando coisa*.

Bernardino Horne

SUMÁRIO

EDITORIAL

Bernardino Horne 1

TEXTOS

Para Além das Duas Notas sobre a criança. 3

Analícea Calmon

Do mel ao fel, uma mulher entre o feminino e a loucura. 7

Ana Estela Sande

Anotações sobre: o mal-entendido entre os sexos 8

Priscylla Guedes

JANELAS DO LAPSUS

Aconteceu no Instituto... 10

Rogério Barros e Julia Solano

Ethel F. Poll

Janela Informativa 11

Ethel F. Poll

POESIA

Retrato do artista quando coisa 16

Manoel de Barros

PARA ALÉM DAS DUAS NOTAS SOBRE A CRIANÇA.

Analícea Calmon

Em 1909, num texto intitulado *Romances Familiares*, Freud trata da solução da criança frente à perda da autoridade dos pais, em decorrência do seu desenvolvimento intelectual. Este trabalho de Freud está contextualizado no modelo patriarcal, vitoriano, da família, na passagem do século XIX para o XX. Nesse contexto os pais constituem para a criança, fonte absoluta de autoridade e conhecimento, suscitando identificação e desejo de imitação. É daí que Freud deduz o conceito de Ideal do Eu.

Em 1969, num pequeno manuscrito intitulado, inicialmente, *Dois notas sobre a criança*, Lacan, dando-se conta do fracasso das utopias comunitárias na evolução das sociedades, menciona a função de resíduo exercida e ao mesmo tempo mantida pela família conjugal, destacando, para além da satisfação das necessidades, uma constituição subjetiva implicada numa relação com o desejo. Considerando, a partir dessa perspectiva, as funções da mãe e do pai, Lacan vai conceber o sintoma da criança como uma resposta ao que existe de sintomático na estrutura

familiar. É o que está dito na primeira das duas notas.

Vemos assim, que a solução lacaniana para o que existe de sintomático na estrutura familiar é o sintoma da criança. E a solução freudiana para o declínio da autoridade dos pais é a fantasia da criança. São duas perspectivas distintas, mas com algo em comum: os ideais em jogo. É justamente por este viés, que aparece a 2ª nota de Lacan, que assim pode ser lida: quando o sintoma familiar decorre da subjetividade da mãe, sem a mediação simbólica assegurada pela função do pai, a criança é implicada como correlata de uma fantasia, tornando-se o objeto da mãe.

Vale observar que Lacan não está falando aí da solução fantasística do romance familiar de Freud. Para este, no contexto em questão, a criança é um sujeito que fantasia. Para Lacan, na sua 2ª nota, que pode ser entendida como uma variante da 1ª, o que está dito é que a criança é o próprio objeto da fantasia. Ressaltamos que estas considerações de Freud e de Lacan, ainda que distintas, fazem parte de um marco teórico regido pelo Édipo e pela norma fálica.

Para pensar a criança objetalizada no mundo contemporâneo, é preciso ir além destas formulações da 1ª clínica de Lacan e acompanhar o seu ensino a partir dos anos 70. O que está posto, nessa época, começa, na verdade, nos anos 60 e diz respeito à pluralização dos Nomes-do-Pai e à descoberta do objeto *a*. É preciso considerar, também, que no contexto da hipermodernidade, a compreensão do delírio no campo da psicanálise se expande para além da psicose. Numa conferência atual, Miller considera o delírio como uma acentuação do que cada um tem de si e isto permite afirmar que o delírio é um discurso articulado, o que de certa forma o torna próximo da fantasia. Daí se falar em delírio familiar ou familiarismo delirante.

Transpondo o marco conceitual para o campo operatório, nos interessa ir além do que está posto nas “duas notas...”, para entender, numa perspectiva contemporânea, o modo como a criança responde ao que recebe do campo do Outro. Para acompanhar esse percurso é preciso tornar claro que a posição da criança objetalizada, conforme o último ensino de Lacan, não é a de equivalente ao objeto fálico e sim ao objeto *a*. É desse lugar que interrogamos o modo como a criança responde ao que recebe do campo do

Outro, dado que na 2ª clínica o Outro e o sentido deixam de ser os principais referentes, dando lugar ao Um e ao gozo. Baseado nesses novos referentes, Lacan passou a conceber o sujeito como resposta do real. De acordo com essa concepção, o sujeito é objeto da sua própria fantasia e é desse lugar que ele se oferece para o Outro, o que difere de ser implicado como objeto fálico da fantasia materna.

Em 2001, numa conferência de encerramento à 24ª jornada do CEREDA – *As mil e uma ficções da criança* – Éric Laurent (*apud* Drummond) faz um apanhado muito bonito sobre esse assunto, dizendo que a criança é uma ficção para os pais; por isso ela é ideal e sintomática, mas também por isso ela é pulsional. Então, a condição de ficção está presente nessas duas versões da criança.

Em 2008 Laurent profere uma conferência no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, na qual fala sobre a paixão familiar e sobre a família e as ficções hipermodernas. Nessa mudança de referente, além da condição de ficção, está em jogo a presentificação da angústia. Diante disso se instala a reflexão que hoje nos interessa: como o psicanalista pode intervir? A proposta de Miller (*apud* Drummond), nessa perspectiva, é tomar o sintoma somático

como ponto de partida, levando em conta o ponto de tensão que se instala entre o que a família demanda e o que o psicanalista oferece. Esta tensão não é nova, mas se torna mais complexa. Estar além da questão do desejo da mãe é estar além de uma mera questão de significante, isto é, para além do registro simbólico. Por isso é o corpo, como lugar de acontecimento, o ponto de partida.

Este é o ponto que no Seminário *O Sinthoma*, de Lacan, está colocado em primeiro plano. Trata-se do ponto da impotência do sentido para promover significações. É um ponto que está aquém do desejo da mãe. Não se trata de abordar, ou melhor, de se deter na abordagem da criança com a mãe ou com o casal parental, organizada em torno da falta e do desejo, mas da relação da criança com seu corpo.

Num debate em conferência realizada no ano de 2006, Philippe Lacadée fundamenta estas considerações a partir do exemplo do *fort-da*, argumentando do seguinte modo: a criança está no cercado e a mãe saiu pela porta. Ao sair, a mãe deixa um lugar vazio. A criança, então, brinca com o carretel e o lança no furo do real deixado pela ausência da mãe. Ao mesmo tempo em que a criança inventa um par significante FORT-DA, ela se

separa do objeto. E o que ela tenta com esse par significante é reter o real deixado pelo desejo da mãe. Então, esse próprio jogo do *fort-da*, que se refere ao desejo da mãe, mostra que existe uma questão que vai além ou aquém desse desejo. É com esse furo no real que a criança tem que se haver.

Laurent nos ajuda a compreender esta formulação de Lacadée quando diz, referindo-se à *Nota sobre a criança*, que, no momento em que Lacan fala que a criança realiza a presença do objeto *a* na fantasia da mãe ela pode ser tomada, não como um ideal, como foi considerado inicialmente, mas na perspectiva do seu gozo e do gozo de seus pais.

Logo, é um exame mais acurado do que está posto nessas “duas notas”, que nos permite ir além delas; o que nos leva a concluir que o Desejo da Mãe e o Nome-do-Pai são significantes que encobrem o real, e é isso que interessa a Lacan no seu último ensino: a criança diante desse furo no real. Assim sendo, a criança revela o lugar de objeto no ponto em que ele é ausência de representação (gozo/pulsão). E mais, é a partir desse objeto que a família se estrutura e não mais em torno das estruturas edípicas da metáfora paterna. Não é mais a partir do Outro e sim do Um.

Mas isto não quer dizer que esses significantes são prescindíveis pois, caso contrário, a criança se confrontaria diretamente com o real, o que se tornaria insuportável. Então os significantes das estruturas edípicas funcionam como suportes, como mediadores.

Para Lacan, no Seminário 16, essa é a via do neurótico: se inscrever como Um no Outro e querer se completar com a família. Conseguindo realizar esse intento ele se torna uma criança-sujeito; caso contrário ele estaria no lugar de objeto-dejeto. E é nesse sentido que a psicanálise lhe é útil, na medida em que lhe possibilita criar uma ficção para sair desse confronto direto com o real. Considerando essas duas condições: criança-sujeito e criança-objeto, penso que a intervenção do analista acontece em direções contrárias.

A primeira tarefa é identificar a posição da criança: sujeito ou objeto. Em se tratando da criança-sujeito, a direção do tratamento vai do Simbólico ao Real, visando uma revelação. Em se tratando da criança objeto, a direção do tratamento vai do Real ao Simbólico, visando uma construção. Nesse 2º caso a ficção construída é o que vai permitir o aparelhamento do gozo na linguagem, decorrendo daí um distanciamento da

criança desse gozo, que até então fazia retorno em seu corpo.

Assim conseguimos entender o porquê do psicanalista de criança não mais se deter prioritariamente na abordagem da relação da criança com o casal parental, mas sim na abordagem da relação da criança com seu corpo. Concluimos esse desenvolvimento com uma citação de Lacan na 1ª aula do Seminário 19, na qual ele nos diz que “o vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem”. (LACAN, 2003, p.7)

Referências

1. DRUMMOND, C. A criança objetalizada. In: *Almanaque online. Revista eletrônica do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*. Ano 1 – nº01 – julho a dezembro de 2007
2. FREUD, S. Romances familiares. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro. Imago. 1980. v.IX. Escrito em 1908
3. LACADÉE, P. Arnaud ou a Criança Hiperativa: um sintoma de enurese. In: *Carta de São Paulo – Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo. nº2. Ano XIII / Novembro de 2006.
4. LACAN, J. Duas notas sobre a criança. In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo. nº 21 - 1988

_____ Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Escrito em 1969

_____ *O Seminário - livro 16: De um Outro ao outro (1968-1969)*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do

Centro de Estudos Freudianos do Recife. Outubro, 2004

_____ *O Seminário – livro XIX: ... Ou Pior (1971-1972)*. Publicação não comercial do Espaço Moebius. Salvador, 2003

_____ *O Seminário – livro 23: O Sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2007

5. LAURENT, E. A família e as ficções hipermodernas. Conferência proferida no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. 2008 (notas pessoais)

6. MILLER, J.A. – *La invención del delírio*. In: *Conferências Porteñas – tomo 2*. Paidós, B. Aires, 1995

DO MEL AO FEL, UMA MULHER ENTRE O FEMININO E A LOUCURA.

Ana Estela Sande.

O feminino e a loucura estão constantemente associados já que, como aprendemos com Freud, a mulher tem problemas para localizar o objeto de gozo, pois, diferentemente do homem não tem, em seu corpo um órgão que possa identificar como signo de gozo.

Para a psicanálise, quando se fala de loucura não necessariamente estamos falando de psicose. Em muitos casos alguns sintomas de desorganização ou desenlace, como propõe Graciela Brodsky², surgem sem que se trate de uma estrutura psicótica e muitas vezes está ligada ao lugar de devastada da histórica.

A devastação se apresenta na base da subjetivação feminina, relacionada com o lugar de objeto no gozo materno, fundamental na estruturação do Édipo na menina. A partir da constatação de que a mãe, assim como ela, não tem o falo, a

menina dirige essa demanda para outro lugar: o pai. Assim, pode simbolizar essa falta e transformar o ódio pela mãe em rivalidade imaginária. Entretanto, para que isso ocorra é necessário que a mãe esteja dividida, que tenha se submetido à operação de castração e possa simbolizar essa ausência fálica, dando a filha um lugar que permita entrar na estrutura de troca, metaforizando o desejo da mãe. Se, ao contrário, a mãe se mantém no lugar de toda, a filha permanece na posição de objeto de gozo desta, acreditando na existência da relação sexual.

Herdeira do momento estrutural edípico, a devastação se apresenta como um modo de gozo frequente nas mulheres, marcando a sexualidade feminina. Para sair deste lugar, é necessário haver uma mudança de posição, passar da que tem o objeto de gozo do Outro para se fazer objeto de

gozo. Sair da busca eterna pelo falo e da culpabilização da mãe pela sua ausência para se fazer objeto causa de desejo para um homem. Assim, a mulher ficaria livre para fazer uso da sua falta, transformando-a em objeto causa de desejo.

A operação que resulta na metáfora paterna indica a existência de um lugar da lei na cadeia significativa. O menino se identifica com o pai que tem o falo. A menina precisa dar um passo a mais, ela sabe que não o tem, mas sabe quem tem e onde pode ir buscar. O problema surge quando esse pai, não é reconhecido como detentor do falo, quando ele surge impotente. Aí, a menina passa a reivindicar da mãe esse falo, que logicamente ela não tem.

Graciela Brodsky ², diz que o erro feminino, histórico, é tentar resolver a questão da feminilidade entre mulheres. Citando Lacan em “O Aturdido”, diz: “é somente passando pelo significante fálico que a mulher poderia encontrar um ‘além’ propriamente feminino. É dando uma volta pelo lado dos homens, que algo propriamente feminino pode emergir. Ao passo que, entre mulheres, o que há é devastação. O devastador não é a relação mãe-filha, mas colocar nessa relação a pergunta sobre a mulher”.

Referências

¹ Brodsky, G., Entre Sintoma e Devastação, in Entrevários nº2, abril 2008.

² idem

ANOTAÇÕES SOBRE: O MAL-ENTENDIDO ENTRE OS SEXOS

Priscylla Guedes

O mal-entendido está presente em todo discurso humano, visto que as palavras bordeiam e tratam, mas jamais alcançam o Real como tal. Partindo daí, podemos tomar o campo do laço social, aquele no qual os discursos regulam as relações sociais, como o campo próprio dos mal-entendidos entre os sujeitos. Esse foi o ponto de partida da apresentação realizada por Leda Guimarães no dia 13 de junho de 2012,

na EBP-BA. Apostando que é no campo das parcerias sexuais onde os mal-entendidos ganham destaque, já que não há fórmula ou *script*, nesse seu trabalho intitulado *O mal-entendido entre os sexos*, Leda nos convida à reflexão acerca das mudanças na relação entre homens e mulheres.

Considerando que a posição histórica feminina está em declínio, posição que é sustentada no sujeito

falta-a-ser e no semblante de objeto a causa de desejo, Leda destaca o discurso das “serial lovers”, aquelas com vários parceiros, para falar da atual dificuldade em fazer parceria. Ela aponta o gozo e as defesas de cada um como ponto de impasse para a harmonia do encontro, porém, longe do discurso moralista, aposta que é numa parceria fixa que o amor pode surgir como suplência à relação sexual que não existe – pois ele traz para a cena a dimensão da falta, da incompletude. Mas, diferente dessa aposta, as parcerias atuais tendem à troca e não ao tratamento do mal-entendido.

Circulam discursos acerca do que se chama de declínio do viril ou feminilização dos homens, e nesse momento onde a heterossexualidade masculina implica violência e agressividade, sob o olhar das feministas, há um apelo às políticas públicas para que ela regule essa relação. Essa tendência a erradicar o machismo pode ser considerada como efeito das defesas obsessivas em detrimento da pergunta sobre o que é ser uma mulher e, no lugar da invenção, uma resposta na ordem do imperativo: “assim deve ser uma mulher”. E desse imperativo impossível, resta o aumento

da devastação, a depressão, a solidão e a violência - enquanto acirramento dos mal-entendidos. Como respostas masculinas possíveis podemos pensar em fobia, violência, servidão ou fascínio.

Num mundo aparelhado por leis que regulam as relações... a extirpação de todo signo de desejo do outro. Na proposta de um mundo plano onde os desejos se sabem, os desejos se dizem e os desejos se legislam, costura-se a inspiração feminina à intenção das mulheres; horizontalização da cultura e supremacia. Estamos num novo mundo centrado não mais no pai, mas na mulher e nos tempos de predomínio da mulher, há um convite ao gozo avassalador, a partir do qual podemos ler o atual empuxo às diferentes adições – sexo, drogas, trabalho, etc.

Diante dessa discussão acerca das relações entre mulheres e homens, bem como os inevitáveis mal-entendidos: Como pensar a articulação entre as posições feminina e masculina na subjetividade humana e uma nova articulação entre o gozo Todo e Não-todo?

ACONTECEU NO INSTITUTO...

Conferência de Maria Josefina Sota Fuentes

Rogério Barros e Julia Solano

O Instituto de Psicanálise da Bahia e a EBP-Bahia, no dia quatro de agosto de 2012, receberam Maria Josefina Sota Fuentes (EBP/AMP) para o lançamento do seu livro *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Na capital baiana, a autora realizou conferência interrogando-se por que, na contemporaneidade, ainda o tema das mulheres se mantém enigmático.

Ao traçar paralelos históricos entre o *penisneid* freudiano e a crítica do movimento feminista ao patriarcado e do aforismo lacaniano “*a mulher não existe*”, contemporâneos da *teoria queer*, Maria Josefina buscou destacar os impasses tangentes à tentativa de

assegurar à mulher uma identidade. O que se evidencia na atualidade, por sua vez, é que “parecer homem ou mulher” denuncia a ordem dos semblantes, sendo cada vez mais difícil precisar as fronteiras entre os gêneros.

Para a conferencista, torna-se fundamental observarmos os efeitos deste apagamento da alteridade na clínica que, denuncia a tentativa de recusa da castração. Ao desconsiderar essa operação, o tema das mulheres na contemporaneidade persiste: não há ainda um bom tom para falar delas.

Curso de extensão de Ana Lydia Santiago: Fobia e Síndrome do Pânico

Ethel F. Poll

Ana Lydia Santiago esteve presente no IPB nos dias 24 e 25 de agosto ministrando o curso de extensão, Fobia e Síndrome do Pânico.

A convidada inicialmente buscou traçar uma diferenciação entre o pânico e fobia. A síndrome do pânico é

situada do lado da angústia pura, sem localização, onde o sujeito se confronta com a falta de objeto, por outro lado, a fobia é entendida como uma solução precária, improvisada diante do excesso do gozo do Outro.

O percurso teórico desenvolvido pela convidada partiu do texto freudiano *Três ensaios da teoria da sexualidade* de 1905 passando por Lacan no Seminário *A relação de objeto* (1956) e *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960). Com o Caso Hans, mostra o efeito devorador do desejo da mãe, desejo este fortemente insatisfeito e marcado pela procura de algo que possa satisfazê-lo. A fobia é explicada então, como uma fragilidade do processo de metaforização do desejo da mãe, efetuada pelo Nome do Pai. Assim o significante fóbico representa um arranjo provisório de substituição do Nome do Pai que não ocupa seu lugar diante o desejo da mãe.

No encerramento do seu curso faz algumas considerações sobre a fobia, pânico e os novos sintomas. Sinaliza que na fobia existe a possibilidade de inscrição do Nome do Pai e da função fálica, e que nos novos sintomas, apesar da referência ao Nome do pai, a função fálica é zero. Dentro destas perspectivas, Ana Lydia diz que podemos situar a síndrome do pânico tanto do lado da fobia, como do lado da lógica dos novos sintomas, afastando-o da psicose onde se evidencia Nome do Pai e função fálica zero.

Para enriquecimento dos trabalhos, ainda foram comentados os casos clínicos de Carla Fernandes e Karla Maul.

JANELA INFORMATIVA

Ethel F. Poll

Curso suplementar – sintoma

Módulos: Introdução ao tema: o sintoma de Freud a Lacan // O sintoma em Freud // O sintoma e sua relação com a ISA// Clínica Borromeana: os nós – Sintoma e Gozo

Coordenação: Bernardino Horne e Analícea Calmon

Horário: terça-feira, das 19h00 às 21h,00

Valor: 06 parcelas de R\$ 250,00 (à vista 10% de desconto).

Início: 03 de abril de 2012

Seminário: A clínica dos nós - Introdução

21 de setembro – 26 de outubro - 09 novembro e 30 novembro (sextas – feiras)

Coordenação: Célia Salles

Horário: 14h30 às 1hH30

Seminário aberto ao público

Jornada de cartéis 28 e 29 de setembro de 2012

Jornada de cartéis
Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia
Instituto de Psicanálise da Bahia

**MAIS CARTÉIS,
AINDA...**



Sexta Feira 28/9 Atividade em 2 lugares!
ABERTO AO PÚBLICO Sábado 29/9

Na Sede da EBP-Bahia	No auditório da Livraria Cultura Shopping Salvador
17hs – Abertura	9hs – Mesa de Trabalho 2
17 h30 – Mesa de trabalhos 1	11hs – Debate Preparatório para o XIX EBCF – Mulheres de Hoje
19hs – Lançamento do Livro Feminino que Acontece no Corpo	A figura da mulher no Cinema africano
19h30 - Conferência As mulheres não contam ANA LÚCIA LUTTERBACH AME, Psicanalista da EBP – RJ	MAHOMED BAMBA da UFBA – FACOM
	14h – Mesa de Trabalhos 3
	15h30 - Encerramento

EBP-Bahia Rua Comendador José Alves Ferreira, 60 – Garcia
Informações: telefone (071) 32359020 ou por mail ebpa@terra.com.br

Encontro nova rede cereda



:

Conversação dos Institutos

No dia 22 de novembro de 2012 acontecerá a 4ª Conversação Clínica dos Institutos do Campo Freudiano no Brasil, que terá como tema “O fracasso em psicanálise: no ensino, na pesquisa, nas instituições e a diferença clínica”.

Comissão Organizadora: Analícea Calmon (coordenadora), Mario Nascimento e Paulo Gabrielli.

Consultor: Bernardino Horne

Local: Hotel Pestana

Horário: das 16h00 às 19h00.

Inscrições: Claudia Bandeira EBP

F: 3235-9020/ 3235-0080

Email

ebpbahia@terra.com.br

III MANHÃ DE TRABALHOS DO CIEN BRASIL
FURANDO ETIQUETAS – O traço da Política do CIEN

III MANHÃ DE TRABALHOS DO CIEN BRASIL

Furando Etiquetas

O TRAÇO DA POLITICA DO CIEN

Convidado Internacional: **Éric Laurent**
Participação Especial: Ana Lydia Santiago (AE em exercício)

Data: 25 de novembro de 2012
Horário: 09 às 13hs
Hotel Pestana - Salvador- Bahia- Brasil

ENVIO DE TRABALHOS ATÉ
20 SETEMBRO DE 2012

INSCRIÇÕES:
envie um e-mail para brasil-cien@gmail.com
VALOR: R\$ 30,00 - Vagas Limitadas -
Informações: <http://cien-brasil.blogspot.com.br>

CONVERSAÇÃO SOBRE O AUTISMO
O AUTISMO HOJE E SEUS MAL-ENTENDIDOS.

Local: Hotel Pestana - Salvador/Bahia

Data: 25 de novembro

Horário: 15h00-17h00

Convidado Internacional: **Éric Laurent**

Inscrições: Claudia Bandeira EBP

F: 3235-9020/ 3235-0080

Email ebpbahia@terra.com.br

ENCONTRO BRASILEIRO
DO CAMPO FREUDIANO

MULHERES DE HOJE,

FIGURAS DO
Feminino no
DISCURSO
ANALÍTICO

CONVIDADOS:
ERIC LAURENT
(ÉCOLE DE LA CAUSE FREUDIENNE)

23 E 24

DE NOVEMBRO DE 2012

LEONARDO GOROSTIZA
(PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL
DE PSICANÁLISE)

Até 30 de Outubro

Profissionais da rede pública, estudantes de graduação e pós-graduação (até 26 anos) e alunos dos Institutos do Campo Freudiano.

R\$ 270,00

Membros e Aderentes da EBP, participantes e profissionais

R\$ 380,00

A partir de 1º de Novembro

Profissionais da rede pública, estudantes de graduação e pós-graduação (até 26 anos) e alunos dos Institutos do Campo Freudiano.

R\$ 290,00

Membros e Aderentes da EBP, participantes e profissionais

R\$ 400,00

1. Depósito em conta

Banco – Bradesco

Agência – 3072

Conta corrente – 79.541-0

Após depósito em conta corrente, enviar o comprovante com o nome completo do inscrito, telefone, e-mail e cópia do documento que justifique o desconto.

Opções de envio: Fax: (71) 3235-9020 e (71) 3235-0080 ou

E-mail: contato@mulheresdehoje.com.br

2. Sessões e Delegações

Dirija-se a secretaria e efetue sua inscrição.

O pagamento poderá ser parcelado com cheques pré-datados com o último vencimento até 30 de outubro de 2012.

3. Residentes no Exterior

Para os residentes fora do Brasil, enviar um e-mail para: pablosauce@hotmail.com

4. Pague Seguro

Site: <http://www.mulheresdehoje.com.br>/Clicar em inscrições

POESIA

Retrato do artista quando coisa

Manoel de Barros

"Agora só espero a despalavra: a palavra nascida
para o canto-desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.
A palavra que tenha um aroma cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma
imagem.
O antesmente verbal: a despalavra mesmo".

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela Equipe Lapsus antes publicação.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano, Laíz Rodrigues, Paula Goulart, Rogério Barros e Wilker França.

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com

